



## Uma palavrinha sobre o teatro de Edson Cândia

A importância do teatro de Plínio Marcos feito por Edson Cândia e seu grupo Imagens é que nele Plínio Marcos vira, de fato, teatro. Digo isso por que a tradição teatral brasileira para com quem está entre os últimos, e maiores, de seus dramaturgos é, no meu ver absurdamente, literária. Plínio Marcos liderou por aqui uma revolução teatral sem precedentes – mas com notáveis antecessores, como Nelson Rodrigues, ao exigir, não apenas do público ou do eventual leitor de suas peças, mas sobretudo dos atores uma nova postura interpretativa: a do esculacho absoluto. Algo semelhante ao que Galuber Rocha começou no cinema e foi terminantemente realizado com Rogério Sgarnzela no "Bandido da Luz Vermelha". Entendamos a partir daí: não se trata apenas do surgimento de uma nova estética dramática, mas, especialmente, de um novo ator. Todo mundo conhece o escândalo que foi Tônia Carreiro, com sua beleza e modos aristocráticos, subir nos palcos do teatro brasileiro da Ditadura (1967) – literalmente – na pele arreghada de Neusa Suely. Nem o teatro brasileiro foi mais o mesmo, e, sobretudo, Tônia ou outro grande ator que pegasse Plínio Marcos à unha poderia ser mais o mesmo. Tratava-se de uma revolução de linguagem, de "método" teatral. As prostitutas, mães e ninfetas de Nelson (para ficarmos apenas no campo análogo da perversão feminina) são da mesma maneira patrimônio do teatro nacional e de transformação do nosso modo de fazer teatro, de atuar, de ver uma peça. Mas há algo de mais poético, alegórico, arquetípico nas personagens de Nelson que não vemos em Plínio. Em Plínio, o que existe é a pele pura, exalando. É o teatro mais direto que conheço, sem firulas, sem metáforas, que parece eviscerar-se em nossa frente, como se estivéssemos num abatedouro humano. Plínio inseriu em nosso teatro um tipo de violência que só podemos encontrar no "coração selvagem" da vida, e fez de nossos atores – ao menos os seus melhores intérpretes – verdadeiros seres marginais, oferecendo seu corpo-e-alma em holocausto. Acho que vem daí a profunda admiração de Plínio pelos atores, especialmente pela capacidade de conseguirem fazer o "seu" teatro, o que não é pouca coisa. Equivale atravessar à "outra margem" da vida.



Mas esse milagre da visceralidade, apesar de todos os esforços, não é comum nas nossas montagens de Plínio Marcos. Em geral, não há a devida aproximação ou entendimento de que é necessário atravessar com tudo de si "to the other side". Em resumo, talvez as pessoas não levem o teatro de Plínio Marcos suficientemente a sério: por que nele ou você sai outro ou, na verdade, você jamais entrou, apenas o parodiou. O milagre do teatro de Edson Cândia e do Imagens é que ele não parodia Plínio Marcos (quer coisa mais triste do que presos de mentirinha em "Barrela", para ficarmos na citação de uma de suas terríveis versões para o cinema?). Edson introduz em nossa História teatral, ao menos que eu conheça, a encenação radicalmente (e por isso legitimamente) pliniana. Insisto: alguns de nossos maiores atores fizeram à descida aos infernos do teatro de Plínio Marcos. Mas não conheço diretores, antes de Edson, que o tenham feito também. Isto por que, a meu ver, para Edson, o teatro de Plínio Marcos não é o lugar cativo de sua dramaturgia, sua literatura, e mesmo não se limita às grandes interpretações de nossos melhores – e mais marginais – atores. Para Edson e o Grupo Imagens, o teatro de Plínio Marcos tem de ser, todo ele, um acontecimento marginal, visceral, um rito completo.

Isto inclui, naturalmente, aquilo que chamamos de público. O teatro de Plínio Marcos é montado, via de regra, de forma terrivelmente voyeur, estabelecendo uma clara divisão entre a plateia "civilizada" e o universo marginal de suas peças. Edson Cândia dilui de cara essa fronteira. No "seu" Abajur Lilás, nós somos o cabaré e seu mundo; o cabaré está ali, inescapável, fazemos parte de um "Leite da Mulher Amada" sem metáforas, concreto, "pliniano". A impressão que temos – antes que pensem numa forma digestiva, convencional de teatro interativo – é de que naquele rito-cabaré chamado teatro absolutamente tudo pode acontecer. E pode, os atores do Imagens – superando as convenções do que chamamos atores e se tornando uma espécie de emissários de Belzebu, anjos caídos cheios de fome de vida, entregam-se a viver o teatro como um ato coletivo de risco, um ato limite do carisma humano. É um tipo de teatro popular (poucos tem mais bilheteria por estas bandas), incendiário, experienciando, de forma trágica e festiva, o alfabeto das paixões humanas, do êxtase da vida ao êxtase da morte, com a real e perigosa sensação destes repercutindo o claro-escuro dos cabarés na pele e no coração. Como pensar em algo mais Plínio Marcos, mais "Abajur Lilás"?



Se o "Barrela" do Imagens é menos orgiástico e mais claustrofóbico que o "Abajur" é por que é exatamente como o quer o teatro de Plínio. Repito: o teatro, esta coisa que vai além das palavras e mesmo da atuação, este rito social e de linguagem. Barrela é uma peça conhecidíssima de Plínio Marcos – a primeira que escreveu, no seu ódio up to date de young angry man estivador em Santos. Mas é no Barrela do Imagens que vemos um presidiário (não apenas um ator "como" presidiário, Edson, literalmente, "prende" seus atores, enjaulados diante do público, aqui num tipo asfixiante de voyerismo) mijar, assustado, diante de todos, o que para mim supera, em efeito direto, a carga possível de simbologias cênicas ou mesmo daquilo que não consta na literatura de Plínio, e que é, na verdade, a sua materialização. Teatro é um rito material mesmo no seu formalismo (é um tipo de "arte viva"), mas em autores como Plínio Marcos o teatro grita por sua matéria fisiológica, essencial: e o fidelíssimo e ultrarealista teatro de Edson Cândido, mais uma vez, parece compreender, como poucos, o – ululante -"teatro da peste" de Plínio Marcos.

Admirador relapso, não conferi ainda a versão do Imagens de "Navalha na Carne", que encerra sua primeira trilogia pliniana (sei, que a exemplo das outras duas, é um êxito de público, o que me parece intrínseco ao teatro de Plínio Marcos, apesar de, na prática, não costumar sê-lo). Sei também que, incansáveis, Edson e sua trupe preparam uma nova trilogia do palhaço santista (será que vem aí "Balada de um Palhaço" ou "O Assassinato do Anão do Caralho Grande", duas peças suas ligadas diretamente ao universo do circo?). A começar por "Dois Perdidos numa Noite Suja" (para mim a melhor, mais trágica e patética de suas peças), sucedida por "A Mancha" (um desses tesouros que só os iniciados em Plínio Marcos conhecem – eu não conhecia até Edson me falar dela – cujo mote é a Aids). Não sei onde e como a nova trilogia termina. Sei, sim, que toda essa obsessão do Imagens pelo teatro de Plínio Marcos faz bem ao teatro, ao Imagens e a Plínio Marcos. Pensando bem, andamos precisando de obsessões desse tipo.

**Thiago Arrais**, Encenador teatral. Bacharel em Direção Teatral, pela UFRJ. Mestre em Teatro pela USP. Doutorando em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra, Portugal. Diretor do Coletivo SOUL, ator e diretor de teatro e cinema, crítico de arte e professor do curso de Licenciatura em Teatro do IFCE , julho de 2015.